

Banco deve elevar reservas

JOSE ANTONIO PUERTAS
Da AFP

Washington — Influentes membros do congresso e altos funcionários dos organismos de regulação bancária dos EUA advertiram que poderão exigir dos bancos um nível mais alto de reservas, a menos que haja progresso "imediato" no Plano Brady para a redução da dívida dos países em desenvolvimento.

Os bancos norte-americanos têm cerca de 71 bilhões de dólares em empréstimos de recuperação duvidosa a países do Terceiro Mundo, a maioria na América Latina. Suas reservas contra possíveis perdas desses empréstimos foram elevadas, nos dois últimos anos, para 23 bilhões de dólares.

Mas William Taylor, diretor de supervisão bancária e regulação do sistema da Reserva Federal, e Allan Mendelowitz, diretor de assuntos financeiros da agência de controle da moeda, opinaram ante o subcomitê bancário da Câmara de Representantes, que o nível de reservas é insuficiente, a menos que haja progresso imediato no Plano Brady.

Sem maior cooperação, a qualidade dos créditos continuará se deteriorando à medida em que mais países perderem a capacidade ou a vontade para cumprir com seus pagamentos — disse "em tal caso, um novo aumento significativo do nível de reservas será claramente necessário", disse Taylor.

"Está acabando o tempo, enquanto que a incerteza continua crescendo", expressou o alto funcionário da reserva federal.

BRASIL

Como se tivesse ouvido Taylor, o ministro brasileiro Mailson da Nóbrega declarou em São Paulo, que seu País poderá declarar nova moratória para preservar um nível adequado de reservas, a menos que chegue a um acordo com o Fundo Monetário Internacional e obtenha novos créditos antes do mês de setembro, quando enfrentará pagamentos no valor de três bilhões de dólares.

O Brasil, cuja dívida externa de 114 bilhões de dólares é a maior do Terceiro Mundo, suspendeu seus pagamentos aos bancos em fevereiro de 1987 e os reiniciou somente em novembro de 1988, depois de um acordo com o FMI e seus credores.

A dívida externa total do Terceiro Mundo é de 1,3 trilhão de dólares, dos quais se calcula que 340 bilhões são de recuperação duvidosa. O Plano Brady propõe aos bancos que perdoem uma média de 20 por cento deste último montante, em troca de mecanismos avalizados pelo FMI e pelo Banco Mundial, que garantam o pagamento dos juros sobre o resto.

A única negociação significativa que está em andamento é a do México, que deve no total 107 bilhões e procura reduzir em 50 por cento a carga de serviço dos 70 bilhões que deve aos bancos internacionais.

INQUIETAÇÃO

A inquietação pela falta de progressos do Plano Brady está crescendo também no Congresso, onde nos últimos quatro dias foram introduzidos dois projetos de lei que, na prática, obrigariam os bancos a publicar seu nível de reservas contra os empréstimos duvidosos ao Terceiro Mundo.

Os projetos foram submetidos por Walter Fauntroy, presidente do subcomitê bancário da Câmara baixa, e John La Falce, membro do mesmo grupo.

Além de um aumento de reservas, a proposta de Fauntroy proíbe aos que não participam do Plano Brady de obter deduções de impostos a cada perda resultante de empréstimos do Terceiro Mundo não pagos.